

# LITERATURA INFANTO-JUVENIL

Maristela Scremin Valério



## Sumário

- APRESENTAÇÃO
- 1. INFÂNCIA, LITERATURA E OS PRIMEIROS CONTOS
  - 1.1 As características da literatura para crianças
  - 1.2 Os primeiros contos
- 2. A LITERATURA INFANTO-JUVENIL BRASILEIRA
  - 2.1 A importância de Monteiro Lobato
- 3. A LITERATURA INFANTO-JUVENIL NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX
- 4. A LITERATURA INFANTO-JUVENIL CONTEMPORÂNEA
  - 4.1 Linha do Realismo cotidiano
  - 4.2 Linha do maravilhoso
  - 4.3 Linha do enigma ou intriga policialesca
  - 4.4 Linha da narrativa por imagens
  - 4.5 Linha dos jogos linguísticos
- CONCLUSÃO
- REFERÊNCIAS



## APRESENTAÇÃO

Este *e-book* objetiva apresentar alguns conceitos sobre a literatura infanto-juvenil e um breve percurso histórico da produção literária brasileira a partir do século XX.

Na primeira parte, mostra-se uma discussão a respeito de como o texto literário para crianças é constituído, um breve resumo sobre suas origens entre os séculos XVII e XIX e uma rápida menção aos contos de fada, os primeiros textos escritos para crianças.

Na segunda parte, o foco é a literatura brasileira, seus primórdios e consolidação com a obra do escritor Monteiro Lobato na primeira metade do século XX. Logo na sequência, apresenta-se uma lista de obras escritas após 1970, divididas por tendências, que se mantêm na contemporaneidade.

Espera-se que este material seja útil e agradável aos estudos e sirva como uma porta de entrada para o fabuloso mundo da literatura infantil.

Boa leitura!





## 1. INFÂNCIA, LITERATURA E OS PRIMEIROS CONTOS

Entende-se por literatura infanto-juvenil a categoria de textos literários com temática e linguagem verbal e visual apropriadas para crianças. No campo da crítica literária, há muitos que defendem que a literatura não deve ser dividida por faixas etárias, por considerarem que a boa literatura é lida em qualquer fase da vida. Atribuem a divisão que se faz da literatura infantil a uma questão mercadológica, que segmenta o público para vender mais, porém os bons livros nunca deixam de fazer sentido para o leitor, especialmente aquelas obras com um valor sentimental para a formação.

O pesquisador Ricardo Azevedo (2001) afirma que a divisão dos leitores por faixas etárias tem como função sugerir diferentes níveis de amadurecimento e estágios cognitivos da vida e, em termos de sociabilidade, apresentar os diferentes papéis sociais ocupados em cada idade (pai, filho, aluno, professor). Embora essa divisão seja importante, Azevedo (2001) destaca que ela não deve ser feita de modo mecânico e naturalizada, pois diferentes contextos sociais e culturais tornam a categoria faixa etária subjetiva.





Historicamente, a literatura infantil teve origem junto com o conceito de infância, entre os séculos XVII e XIX. De acordo com o historiador Philippe Ariès (1981), até o início do século XVII as crianças eram vistas como “[...] homens de tamanho reduzido” (p. 18), e desconsiderava-se o fato de que eram seres em desenvolvimento e com características próprias. Nas pesquisas sobre o tema, o historiador aponta que, por volta dos sete anos, as crianças já estavam completamente inseridas no mundo coletivo da família e da comunidade, realizavam tarefas laborais como os pais e mães, aprendiam um ofício, participavam de festas, jogos e demais eventos sociais dos adultos. A ideia que se tem hoje, de proteção e cuidado com a criança, não fazia parte da mentalidade da Idade Média.

As taxas de mortalidade infantil eram altíssimas e os infanticídios e abortos eram muito frequentes. A morte prematura de bebês, motivada ou em consequência de doenças, era tão comum que não causava muita comoção nas famílias. Boa parte delas, quando tinha alguma condição financeira, enviava os bebês pequenos para serem criados por uma ama de leite, retornando para casa por volta dos três ou quatro anos. A partir de todas as suas pesquisas, Ariès (1981) conclui que a trajetória da criança até o início da Idade Moderna era de exploração e marginalização.

Foi apenas a partir do século XVII que as coisas começaram a mudar. Nesse período, para combater a mortalidade infantil, são criadas políticas de cuidado à infância e há o fortalecimento do interesse psicológico pela infância e a preocupação com a formação moral das crianças. Mais tarde, no século XVIII junta-se a esse sentimento a atenção com a saúde e a higiene. Coube à família e às escolas moldarem a infância para a forma conhecida hoje.





Essas mudanças se relacionam também à transformação do conceito de família que começa a partir do século XVIII. Se antes a família era extensa, misturando-se com a comunidade, a partir do século XVIII ela se torna nuclear, excluindo criados, clientes e amigos do convívio cotidiano. A própria arquitetura das casas se transforma para trazer o foco do lar para o casal e os filhos, concepção esta que permanece até os dias de hoje.

A partir do momento em que a criança é compreendida como um indivíduo em formação, que precisa ser educada e tutelada, nasce uma preocupação em fazer uma literatura específica para a faixa etária que respeitasse a suposta e crescente ideia de inocência infantil e tivesse uma função pedagógica, transmitindo valores morais e lições importantes. Um exemplo são as fábulas, narrativas curtas de forte teor moral, geralmente protagonizadas por animais e que trazem um ensinamento sobre fatos e comportamentos esperados na vida.

A vocação moralizante e pedagógica dos textos destinados à criança sobreviveu por toda a sua história e ainda hoje é encontrada em algumas obras, assumindo diferentes roupagens de acordo com os valores em voga em cada época.

No vídeo abaixo, o filósofo Leandro Karnal explica que o modelo de infância, hoje conhecido, surgiu apenas no início do século XX.



**Karnal: não existiam crianças antes do século XX**





## 1.1 As características da literatura para crianças

Segundo Cademartori (2010), a literatura infantil é um gênero que se situa entre dois sistemas: o literário e o pedagógico. A maneira como ocorreu a formação histórica da literatura destinada ao público infantil fez com que o caráter pedagógico dos textos se sobrepusesse ao literário, resultando, muitas vezes, trabalhos com uma forte carga moralista. Já no campo da crítica, a literatura infantil sempre recebeu pouca atenção, considerada uma categoria secundária.

A principal característica da literatura infantil é a maneira como se dá o endereçamento dos relatos ao leitor, levando em conta as diferentes faixas etárias e a competência de leitura prevista para cada fase. A linguagem verbal e visual é adaptada para o público escolhido, os temas são selecionados para corresponder às expectativas dos pequenos leitores e o foco narrativo tende a superá-las.

Em obras nas quais o elemento pedagógico e moralizante se sobrepõe, o resultado são textos em que a visão do adulto é imposta, direcionando o pensamento da criança. Nessas obras valoriza-se o elemento racional e ideológico a respeito do mundo e são apresentados conceitos que se acredita importantes para a criança.





Nas obras em que o elemento literário é valorizado, há a subversão do sistema linguístico para se aproximar do pensamento infantil, o que permite à criança amplas possibilidades de atribuição de sentido àquilo que lê. Como ressalta Cademartori (2010) “A literatura infantil digna do nome estimula a criança a viver uma aventura com a linguagem e seus efeitos, em lugar de deixá-la cerceada pelas intenções do autor, em livros usados como transporte de intenções diversas.” (p. 12).

Diante do exposto e de um mercado editorial cada vez mais amplo para o público infantil, Cademartori (2010) apresenta alguns elementos que ajudam a distinguir obras com valor literário das que são escritas apenas para suprir um mercado em alta. Segundo a pesquisadora, a boa literatura infantil se caracteriza por:

1. Textos em que os processos linguísticos de seleção e associação de palavras se afastem do uso comum, como jogos com sons e sentidos das palavras. Diante da obra, pode ser feita a seguinte pergunta: “[...] esse livro permite que a criança perceba a força criativa da palavra ou da imagem? Ou não há nele nenhuma novidade, nada que atraia e prenda a atenção no arranjo dos signos, no modo como foi composto?” (p. 22).
2. Um bom livro sempre traz alguma forma de surpresa, alteração, renovação do olhar. O prazer infantil em jogar com a subversão das regras da realidade é algo valorizado nas boas obras infantis. Essas obras não anulam o real, apenas jogam com ele, deixando-o suspenso durante o tempo da leitura.



3. O projeto gráfico deve ser adequado à faixa etária e ao nível de desenvolvimento da criança. Tamanho e tipo da fonte e o espaçamento entre linhas é fundamental para garantir a legibilidade da obra pela criança, assim como as imagens, que exercem um papel crucial para expandir a expressividade e a compreensão do texto.
4. Analise se os elementos da narrativa – personagens, trama, tempo, espaço, foco narrativo – podem ser apreendidos por um leitor com a idade para quem se destina o livro. Há condições de que a criança se identifique com a personagem e suas ações? Se o leitor for capaz de apreender os elementos que constituem a obra, provavelmente ela apresenta uma boa adequação temática.
5. Analise o universo de referência do texto e avalie se ele apenas confirma o que o leitor já sabe ou apresenta elementos novos e amplia as expectativas de referência que a criança já tem, apresentando novas informações e conceitos. A obra apresenta alguma particularidade ou só reproduz chavões narrativos ou poéticos? Boas obras literárias estimulam a leitura de outros textos através da intertextualidade, que pode ser implícita ou explícita.
6. Quando se trata de obras poéticas observe a sonoridade das composições, pois elas exercem muita atração nas crianças. Perceba se há jogos sonoros, como aliterações, assonâncias, onomatopeias e jogos de sentido, que decorrem da brincadeira com os sons para mudar o sentido do texto.



## A importância da imagem no livro infantil

A ilustração ocupa um lugar de destaque na literatura infantil contemporânea, tendo, muitas vezes, a mesma importância que o texto escrito. Dessa maneira, o ilustrador ganha tanto destaque quanto o narrador, já que atua na produção de sentido para o livro. A relação entre o visual e o verbal na literatura dá-se por autonomia, contraponto ou confirmação.

Para compreender melhor a relação entre ilustração e texto na literatura infantil contemporânea, assista à videoaula *O Poder da imagem na literatura infantil*, da professora Regina Chicoski. Além de trazer conceitos importantes sobre o tema, a professora apresenta alguns exemplos de obras literárias que utilizam diferentes formas de ilustração.



**Literatura Infanto-Juvenil - Videoaula**





## 1.2 Os primeiros contos

A literatura infantil esteve, por muitos séculos, vinculada às narrativas populares, passadas oralmente, de geração em geração. Suas origens são tão antigas que não é possível precisar quando foram criadas, assumindo, em alguns casos, caráter mitológico. É o caso dos contos de fada, histórias que atravessaram séculos e sobreviveram às mudanças sociais e culturais e ainda hoje encantam adultos e crianças.

Segundo Cademartori (2010), no século XVII, o francês Charles Perrot foi o primeiro a catalogar e compilar contos e lendas medievais, entre eles, os mais famosos são Cinderela e Chapeuzinho Vermelho. No século XIX, os alemães Irmãos Grimm fazem uma outra coleta importante na Alemanha, aumentando a antologia dos contos de fada, com histórias como João e Maria e Rapunzel. Também destacam-se, nesse rol, de escritores pioneiros do gênero, o dinamarquês Christian Andersen (O patinho feio, Os trajes do imperador), o italiano Collodi (Pinóquio), o inglês Lewis Carroll (Alice no país das maravilhas), o americano Frank Baum (O mágico de Oz), o escocês James Barrie (Peter Pan) que constituíram padrões de literatura infantil.





Entre todos esses escritores, há em comum o fato de criarem um registro escrito das histórias, que antes eram apenas contadas oralmente, e suavizar as narrativas, adaptando-as para o gosto das famílias burguesas e para as crianças. Boa parte dessas histórias era recheada de assassinatos, estupros, incestos, canibalismo e outros temas bastante violentos. Esses trechos foram suprimidos de algumas obras e suavizados em outras, embora a maioria dessas histórias tenha mantido uma base violenta e sombria, como é o caso de Chapeuzinho Vermelho e de Cinderela, por exemplo.

São comuns também, nessas primeiras obras, a tentativa de trazer traços moralizantes aos contos, ao gosto da sociedade burguesa que se consolidava. Perrot, que foi o pioneiro, cria uma fórmula que é repetida mais tarde por outros autores. Segundo Cademartori (2010), Perrot “[...] parte de um tema popular, trabalha sobre ele e acresce-o de detalhes que respondem ao gosto da classe à qual pretende endereçar seus contos: a burguesia.” (p. 27). Além do propósito moralizante, o autor acrescenta às histórias “[...] referências à vida na corte, como em A bela adormecida; à moda feminina, em Cinderela; ao mobiliário, em O Barba Azul.” (p. 27).





## Para aprofundar: literatura e psicanálise

Os contos de fada constituem um material de análise interdisciplinar, despertando interesse em diversas áreas, como a sociologia, folclore e, especialmente, a psicanálise. Na última, destacam-se duas obras teóricas interessantes que contribuem com os estudos sobre o tema.

A primeira delas é *A psicanálise dos contos de fada* (1976), do austro-americano Bruno Bettelheim. Na obra, o autor defende que os contos ajudam a criança a recriar e elaborar seus próprios dramas pessoais, pois permitem a ela se imaginar nas histórias e, assim, lidar com seus conflitos interiores, como o medo e o impulso violento.

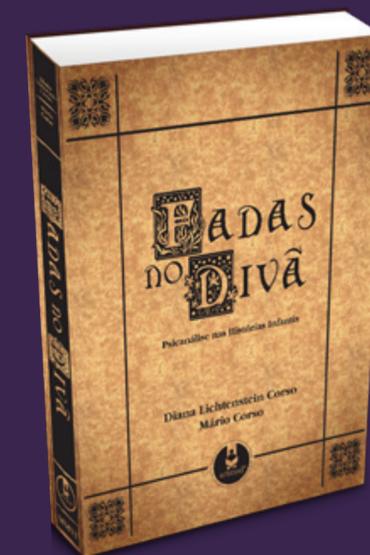
A segunda obra, mais contemporânea, é *Fadas no Divã* (2006), escrita pelos psicanalistas brasileiros Diana Corso e Mário Corso. O livro analisa alguns contos conhecidos e questiona por que essas histórias tão antigas conseguiram sobreviver à passagem do tempo. Como hipótese, os autores supõem que elas têm a função de dar suporte para que a criança elabore suas fantasias relativas à vida familiar, ao amor e ao desenvolvimento das identidades sexuais.

Figura 1 - A psicanálise dos contos de fada



Fonte: São Paulo: Paz e Terra, 2009

Figura 2 - Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis



Fonte: Porto Alegre: Artmed, 2006.



## 2. A LITERATURA INFANTO-JUVENIL BRASILEIRA

No Brasil, os primeiros livros para o público infantil foram escritos no final do século XIX. Assim como todo o campo literário da época, a literatura infantil imitava obras estrangeiras, mais especificamente europeias, trazendo traduções e versões dos contos clássicos e outras histórias.

Na época, o Brasil tinha recentemente proclamado a República e despontava uma classe média urbana, reivindicando maior liberdade econômica, política e mudanças no campo educacional. Segundo a pesquisadora Regina Zilberman (2014), é nesse contexto que surgem os primeiros livros infantis brasileiros, que carentes de uma tradição para dar seguimento, precisaram encontrar caminhos. Traduzir obras estrangeiras, adaptar obras adultas para a linguagem infantil, reciclar o material publicado nos livros didáticos e invocar a tradição popular foram as principais estratégias utilizadas pelos escritores.





De acordo com Zilberman (2014), desse período, dois nomes merecem destaque. O primeiro é Figueiredo Pimentel, que assim como os pioneiros da literatura infantil europeia, coletou narrativas populares de origem portuguesa, africana e indígena e as publicou junto com versões dos contos de fadas europeus em *Contos da Carochinha* (1984). O segundo é Carl Jansen, um alemão que viveu no Brasil e trabalhou como jornalista e professor. Jansen foi responsável por traduzir obras clássicas como *Robinson Crusóé*, *Viagens de Gulliver* e *Dom Quixote de La Mancha*, publicados entre 1880 e 1890. Os dois autores também editaram os primeiros livros didáticos de literatura, que receberam o nome de seletas, antologias ou livros de leitura. Essas obras foram adotadas por professores de todo o Brasil e, por muitos anos, foram os primeiros contatos de muitos brasileiros com a literatura.

## 2.1 A importância de Monteiro Lobato

Regina Zilberman (2014) afirma que “[...] um escritor é muito popular quando o mundo que criou escapa ao seu controle, como se as personagens vivessem independentemente dele.” (p. 21). A definição cai muito bem quando se refere à obra infantil de Monteiro Lobato e a turma do Sítio do Pica-pau Amarelo. A primeira vez que o sítio e seus personagens apareceram foi em *A menina do narizinho arrebitado*, publicado em 1920. Atualmente, as histórias que compõem a coleção do Sítio do Pica-pau Amarelo encontram-se em 23 títulos, organizadas e reeditadas pelo próprio Monteiro Lobato alguns anos antes de morrer.





Segundo Zilberman, o sucesso de Lobato está na técnica de repetir os personagens, de maneira que não era preciso criar indivíduos, a cada narrativa. A fórmula é muito utilizada hoje nas séries televisivas e revistas em quadrinhos e permite que o leitor crie identificação com os personagens, cuja personalidade, aparência física e idade se mantêm a mesma desde a primeira página. “No sítio do Pica-pau Amarelo ninguém envelhece, nem mesmo Dona Benta e Tia Nastácia, senhoras idosas já nos episódios iniciais.” (ZILBERMAN, 2014, p. 25).

Ademais, Zilberman destaca algumas particularidades que fizeram os personagens cair no gosto das crianças:

- os personagens principais da ação são crianças, como Pedrinho e Narizinho, ou mimetizam o comportamento infantil, como os bonecos Emília e Visconde de Sabugosa, o que gera identificação com o público-alvo;
- os personagens infantis são independentes e inteligentes, têm liberdade para agir e solucionar problemas e para interpelar os adultos de igual para igual, sendo, algumas vezes, até um pouco impertinentes, como é o caso da boneca Emília;
- os personagens estão inseridos na vida brasileira, o que lhes confere autenticidade e nacionalidade. Não representam estereótipos identitários, mas interagem com as dificuldades e questões de seu tempo.





Além dos personagens, outro elemento é central para a identificação com as histórias da turma de Lobato: o espaço onde ocorrem. Zilberman (2014) define o sítio como “[...] um mundo independente e autossuficiente.” (p. 26), uma engenhosa estratégia adotada pelo autor. O sítio não tem uma localização geográfica regional ou local, podendo-se dizer, no máximo, que fica no Brasil, e garante a estabilidade para o desenrolar das ações, mesmo aquelas que se passam em outros locais, como em *Viagem ao céu* (1932), obra em que os personagens visitam o espaço, mas que, ao final do enredo, retornam ao sítio para contar suas aventuras.

O sítio é compreendido como uma representação idealizada do Brasil sonhado por Lobato. Boa parte das histórias foi escrita durante o período da ditadura do governo de Getúlio Vargas e a ascensão dos pensamentos fascista e nazista na Europa, vésperas da Segunda Guerra Mundial. Nesse contexto, “[...] o sítio é uma espécie de paraíso, mas um paraíso muito especial: em primeiro lugar, porque, se tem uma proprietária, não existe um dono, nem se verifica o exercício de poder autoritário.” (ZILBERMAN, 2014, p. 29). É dirigido por Dona Benta, uma pessoa culta, inteligente e bem-intencionada, um modelo de político que, segundo as ideias do autor, deveria governar o país. Ademais, Dona Benta é uma pessoa liberal e democrata, que acolhe pensamentos divergentes e opta sempre por uma solução prática, que beneficia a todos.





É possível encontrar na obra infantil de Lobato o teor crítico e irônico que caracterizou sua obra para adultos. Lobato é um dos principais nomes da escola literária do início do século XX que foi denominado posteriormente como Pré-modernismo. *Urupês* (1918), uma de suas obras mais conhecidas, traz uma dura crítica ao atraso tecnológico do campo e o descaso do Estado com as populações e a economia das regiões interiores, personificadas no magro e doente Jeca Tatu, protagonista do texto.

Zilberman (2014) afirma que um exemplo de como o lado crítico e irônico de Lobato se apresenta em sua obra infantil está em *Caçadas de Pedrinho* (1933), no episódio em que o rinoceronte Quindim, fugido de um circo no qual sofria maus tratos, aparece no sítio. O dono do circo pede ajuda governamental para encontrar e reaver o rinoceronte. Para isso, é criado o Departamento Nacional de Caça ao Rinoceronte, cujos cargos são ocupados por burocratas muito bem remunerados e que trabalham muito pouco. Cientes de que o departamento seria extinto se o animal fosse encontrado, toda a equipe se esforça para que a busca pelo rinoceronte fracasse. Assim, o animal é deixado em paz graças à ineficiência e à corrupção que impera no poder público e é adotado pelos habitantes do sítio, passando a se tornar um personagem da turma.

No universo criado por Lobato coabitam crianças, idosos, animais e bonecos falantes, figuras do folclore brasileiro e personagens mágicos importados de histórias europeias. O grande desafio para todos esses seres é alcançar o conhecimento. Para Cademartori (2010), no sítio “[...] a moralidade tradicional é dissolvida, o grande valor passa a ser a inteligência.” (p. 36). Basta observar a curiosidade sagaz da boneca Emília, que não se conforma com meias respostas ou a erudição do Visconde de Sabugosa, que aprendeu tudo o que sabe com os livros e sempre tem uma palavra sábia sobre os acontecimentos.





Considerando o pensamento do autor e sua trajetória de crítica e combate à ignorância e ao subdesenvolvimento, que acreditava serem os grandes problemas do Brasil, compreende-se o Sítio do Pica-pau Amarelo como o espaço ideal no qual a esperteza, a liberdade e a criatividade são os segredos para o progresso e uma vida valiosa.

Os livros de Monteiro Lobato que narram as aventuras dos personagens do Sítio do Pica-pau Amarelo serviram de inspiração para várias adaptações televisivas. Uma das mais famosas foi ao ar entre 1977 e 1986, em forma de uma série produzida pela Rede Globo em parceria com a TVE. Anos mais tarde, em 2001, a Rede Globo realizou uma nova adaptação, que ficou no ar até 2007. No total, a série teve 159 episódios divididos em sete temporadas. Neste *link* você pode assistir ao primeiro episódio da série.



**Sítio do Picapau Amarelo | Reino das Águas Claras •  
1º Episódio (2001)**





### 3. A LITERATURA INFANTO-JUVENIL NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX

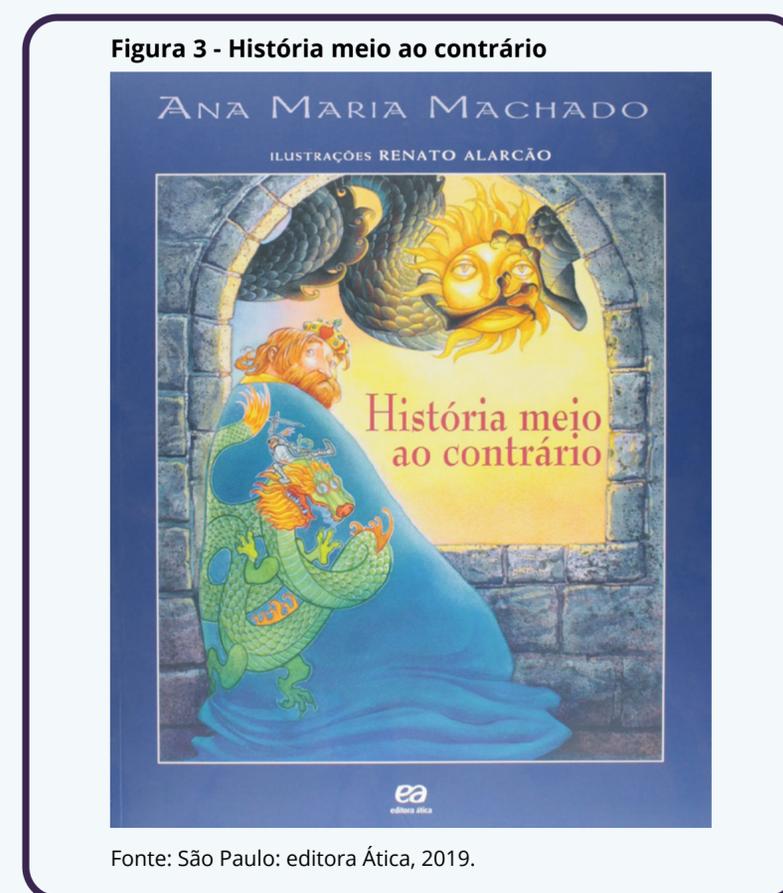
A literatura infantil brasileira esteve um longo período sob a sombra de Monteiro Lobato. Seu último livro, *Os doze trabalhos de Hércules*, foi lançado em 1944, mas somente na década de 1950 é que as crianças brasileiras tiveram amplo acesso à obra. Depois de Lobato, poucos autores conseguiram se destacar e foi apenas nas décadas de 1960 e 1970 que a literatura infantil voltou a se desenvolver. Ironicamente, neste mesmo período, o país passava por um momento político bastante conturbado com a tomada do poder pelos militares, que teve como ápice a instauração do AI-5, em 1968. O ato inaugurou uma forte política de repressão e de perseguição a quem tivesse ideias contrárias ao governo, muitos artistas e intelectuais foram presos ou exilados.

Segundo Zilberman (2014), foi no período em que havia uma forte censura à mídia e às artes que a literatura infantil brasileira floresceu, “[...] talvez por não ser vista, não era lembrada, pôde se apresentar como essas válvulas de escape, por onde os produtores culturais - escritores, ilustradores, artistas em geral - tiveram condições de manifestar ideias libertárias e conquistar leitores.” (ZILBERMAN, 2014, p. 46). Além disso, uma reforma educacional implementada no início da década de 1970 aumentou a faixa de escolarização obrigatória de cinco para oito anos, fazendo com que aumentasse o número de crianças na escola e houve um grande investimento em literatura e materiais didáticos para atender à demanda educacional. Independentemente do resultado dessas medidas, a longo prazo elas geraram impacto no campo cultural e literário destinado à crianças e adolescentes.





Contraditoriamente, os autores que se destacaram no período foram aqueles que contrariavam o panorama vigente, prezando por uma literatura com o foco na criança e não nas expectativas pedagógicas e morais da escola e dos professores. Segundo Zilberman (2014), três aspectos se repetem nas obras mais relevantes publicadas no período: são obras de contestação, mesmo sob a forte censura que imperava no período; preferiam dialogar diretamente com a criança; optaram por formas novas de narrar e de lidar com a tradição.



Um exemplo que sintetiza esses três pontos é *História meio ao contrário* (1978), de Ana Maria Machado. O texto tem como ponto de partida o final clássico dos contos de fada: “[...] E então eles se casaram, tiveram uma filha linda como um raio de sol e viveram felizes para sempre... Tem muita história que acaba assim. Mas este é o começo da nossa.” (MACHADO, 2019, p. 4). Ao começar pelo fim, a obra contraria os clássicos contos de fada e continua a desconstruir as expectativas das histórias mágicas ao mostrar que viver feliz para sempre é monótono e exagerado.



O enredo inicia com a família real feliz em seu castelo, mas alienada dos problemas do povo. Tão alienada que o rei, acostumado a dormir cedo e acordar tarde, não conhecia a noite. Uma tarde, encantado com as cores do crepúsculo, decide ficar mais tempo acordado e conclui que o dia foi roubado, provavelmente por um dragão. Na procura dos culpados, decide convocar um herói para resolver o problema: um príncipe, que receberá a mão de sua filha em casamento caso consiga resolver o caso do roubo do dia. A narrativa continua ao contrário, pois a princesa não aceita o casamento arranjado, o príncipe não resolve nada, pois o ciclo de dia e noite são parte da natureza, e ainda se apaixona por uma camponesa e o rei finalmente é impelido a conhecer os súditos e a se inteirar dos problemas do reino.

A solução encontrada por Ana Maria Machado para criar um conto de fadas ao seu modo resultou em uma obra contestadora e divertida, quebrando as expectativas do leitor acostumado ao conto de fadas tradicional. A contestação está presente em vários aspectos: ao denunciar o alheamento dos governantes, que ignoram o que se passa fora do palácio e ao sugerir ao leitor que siga seus próprios ideais e não o que lhe é imposto.

Publicado em meio a uma ditadura, o livro deixava seu recado claro às crianças e aos adultos, mostrando o desagrado em relação a um sistema político que deixava a população de fora das decisões do poder. Além disso, mostrava que a literatura infantil não se subordinava aos modelos vigentes, mostrando que “[...] era hora de se fazer uma nova história ‘meio ao contrário’ porque se dava seguimento ao que de melhor a literatura infantil fornecera até então, tinha, na mesma proporção, de procurar seu rumo e traçar os caminhos da estrada que se abria à frente.” (ZILBERMAN, 2014, p. 55).





## 4. A LITERATURA INFANTO-JUVENIL CONTEMPORÂNEA

A pesquisadora Nelly Novaes Coelho (2000) define a literatura infanto-juvenil escrita após os anos 1960/1970 como uma fase inovadora, cujas obras publicadas são distribuídas em duas grandes áreas: questionamento e representação. As obras consideradas questionadoras destacam-se pela inovação, pois estimulam a criança leitora a transformar o mundo em que vive. Já as obras de representação são consideradas continuadoras e mostram ou denunciam comportamentos e caminhos a serem assumidos ou evitados para que se ter uma vida mais plena e justa.

O que hoje define a contemporaneidade de uma literatura é sua intenção de estimular a consciência crítica do leitor; levá-lo a desenvolver sua própria expressividade verbal ou sua criatividade latente; dinamizar sua capacidade de observação e reflexão em face do mundo que o rodeia; e torná-lo consciente da complexa realidade em transformação que é a sociedade, em que ele deve atuar quando chegar a sua vez de participar ativamente do processo em curso. (COELHO, 2000, p. 151).

No trabalho de melhor compreender essa produção tão vasta e heterogênea, Coelho aponta algumas linhas ou tendências da literatura infantil/juvenil contemporânea que se repetem, se impõem e se desdobram.



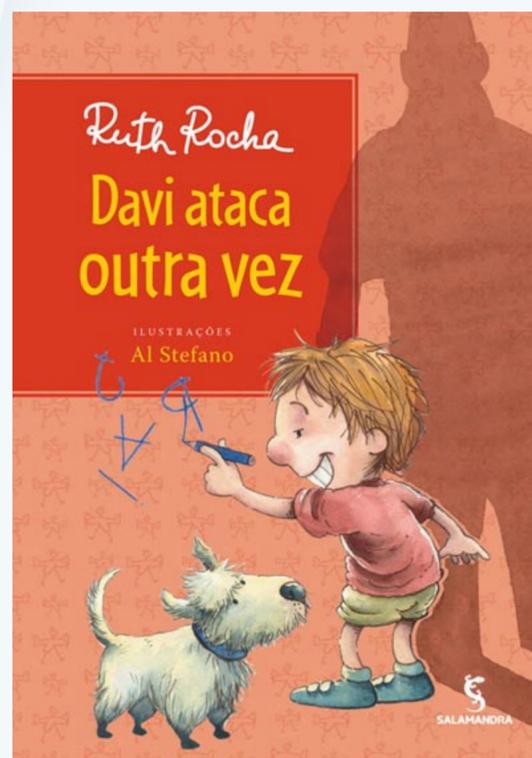


## 4.1 Linha do Realismo cotidiano

Obras que tratam de situações da vida comum e do dia a dia. Essa linha se desdobra em seis vertentes:

Realismo crítico (participante ou conscientizante): obras atentas à realidade social e orientadas ou filtradas por uma perspectiva político-econômico-social.

**Figura 5 - ROCHA, R. Davi ataca outra vez**



**Fonte:** São Paulo: Salamandra, 2009

**Figura 6 - PIROLI, W. Os rios morrem de sede**



**Fonte:** São Paulo: Moderna, 1994.

**Figura 7 - MACHADO, A.M. De olho nas penas**

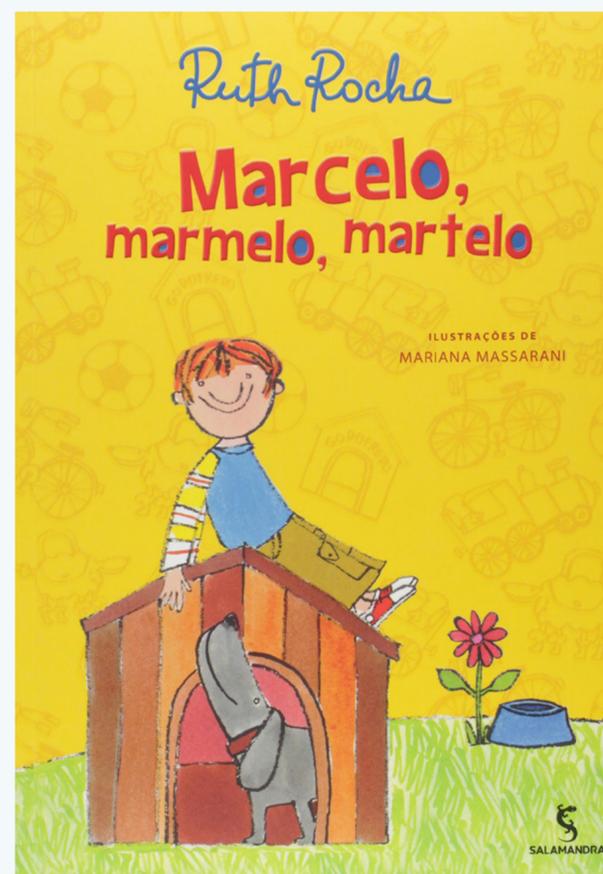


**Fonte:** São Paulo: Salamandra, 2003.



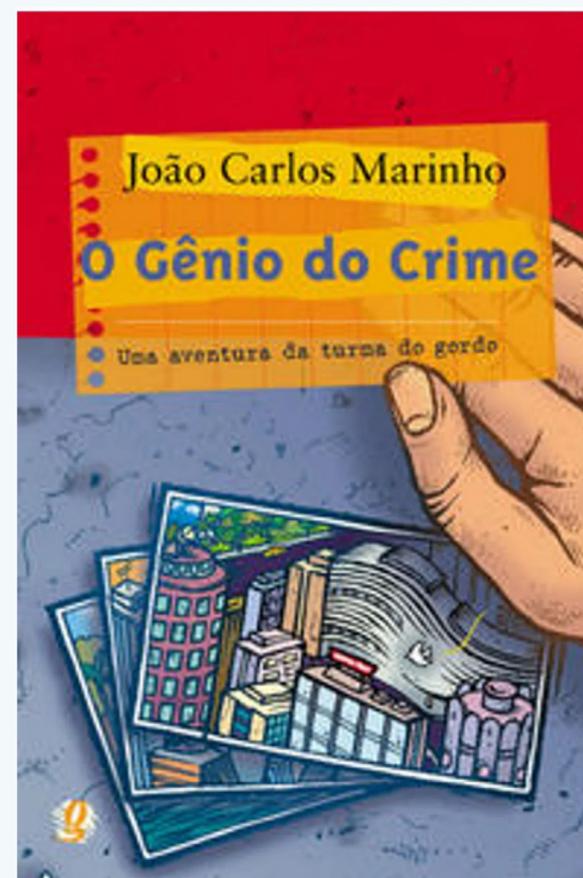
Realismo lúdico: obras que retratam a aventura de viver, as travessuras do dia a dia, as alegrias e conflitos das relações.

**Figura 8 - ROCHA, R. Marcelo, marmelo, martelo**



**Fonte:** São Paulo: Salamandra, 1976.

**Figura 9 - MARINHO, J.C. O gênio do crime**



**Fonte:** Rio de Janeiro: Global, 2009.



Realismo humanitário: obras que dão ênfase às relações afetivas, sentimentais ou humanitárias.

**Figura 10 - PIROLI, W. O menino e o pinto do menino**



**Fonte:** São Paulo: Moderna, 2002.

**Figura 11 - MACHADO, A.M. Bisa Bia, Bisa Bel**



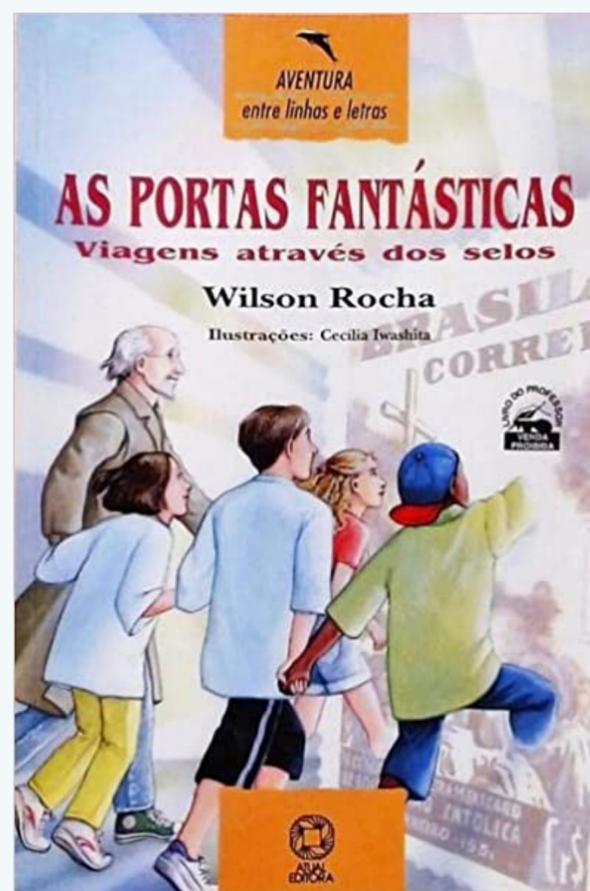
**Fonte:** São Paulo: Salamandra, 2007.





Realismo histórico (ou memorialista): obras com intenção predominantemente informativa ou didática, que informam o leitor sobre fenômenos do mundo natural ou de setores da sociedade, costumes, linguagens etc. As biografias e narrativas históricas fazem parte desse grupo.

**Figura 12 - ROCHA, W. As portas fantásticas**



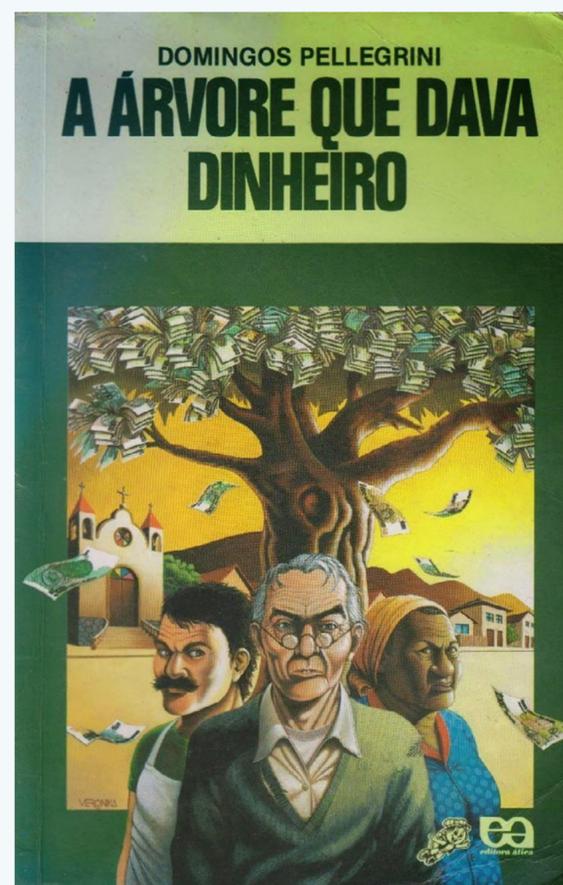
**Fonte:** São Paulo: Atual Didático, 1999.





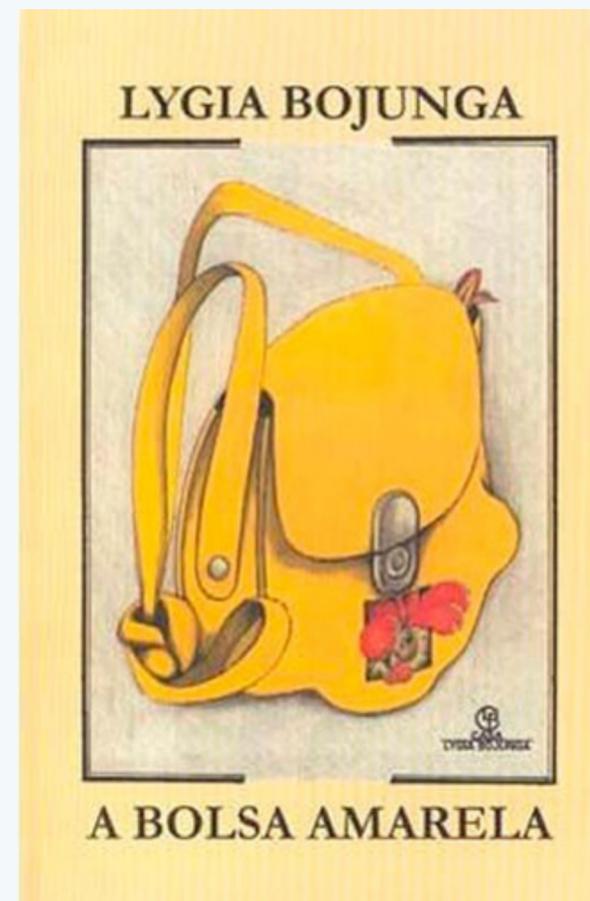
Realismo mágico: obras cuja fronteira entre realidade e fantasia se diluem, dando origem a uma terceira realidade, na qual as possibilidades de vivência são infinitas e imprevisíveis.

**Figura 13 - PELLEGRINI, D. A árvore que dava dinheiro**



**Fonte:** São Paulo: Ática: 1995.

**Figura 14 - BOJUNGA, L. A bolsa amarela**



**Fonte:** São Paulo: Casa Lygia Bojunga, 2003.

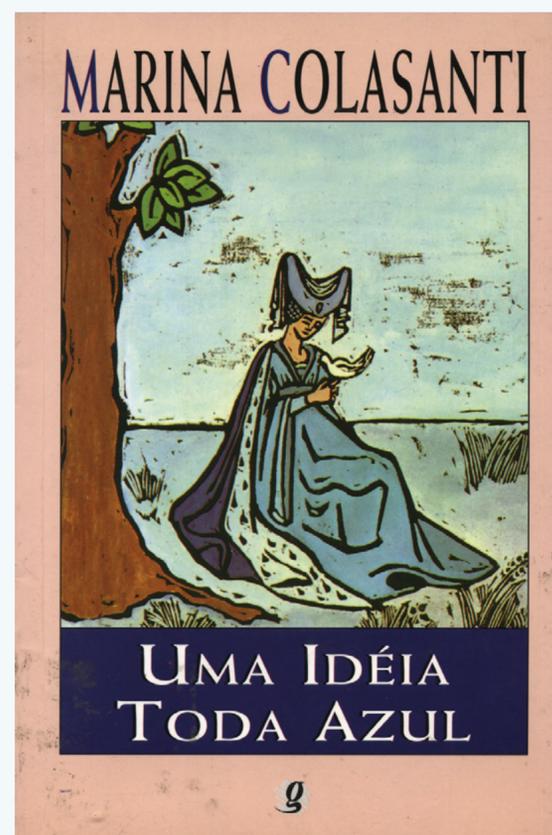


## 4.2 Linha do maravilhoso

Situações que ocorrem fora do espaço/tempo conhecido ou em um lugar indeterminado. O mundo maravilhoso apresenta-se pelos aspectos da metáfora, sátira, ciência, narrativas folclóricas ou populares e pelas fábulas.

**Maravilhoso metafórico ou simbólico:** narrativas que atraem por si mesmas, pelo referencial, pela história que transmitem, mas cuja significação só se dá pela decodificação das metáforas.

Figura 15 - COLASANTI, M. Uma ideia toda azul

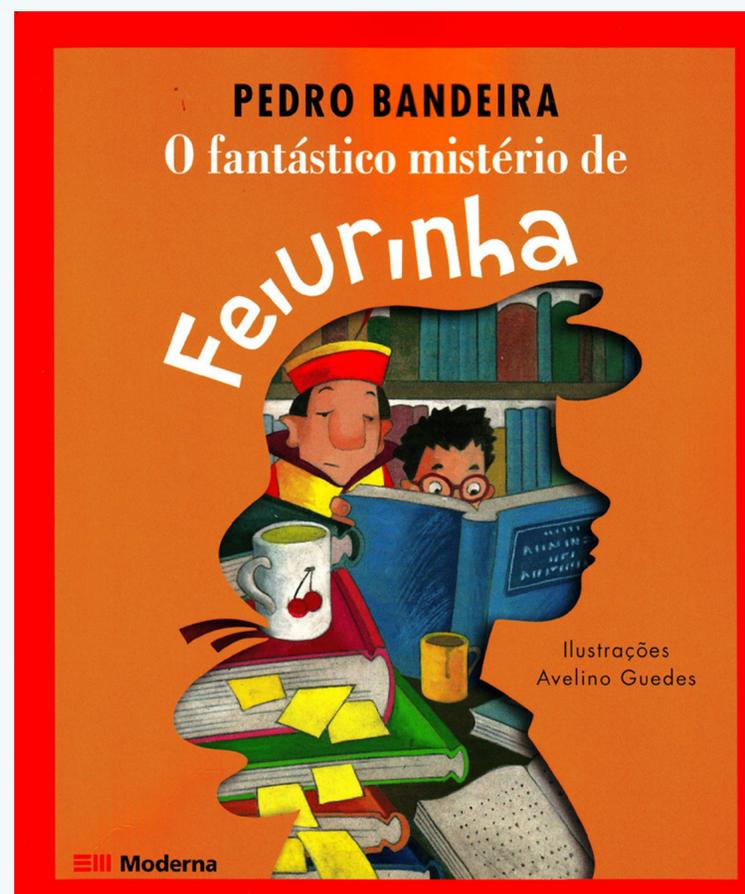


Fonte: Rio de Janeiro: Global, 2014.



**Maravilhoso satírico:** narrativas que utilizam o humor para ridicularizar situações familiares, porém erradas ou ultrapassadas.

Figura 16 - BANDEIRA, P. O fantástico mistério de Feiurinha



Fonte: São Paulo: Moderna, 1986.





**Maravilhoso científico:** narrativas que passam fora do tempo/espaço conhecido, onde ocorrem fenômenos que só podem ser explicados pela racionalidade científica.

**Figura 17 - ALMEIDA, L. A. Aventuras de Xisto**



**Fonte:** São Paulo: Ática, 1999.



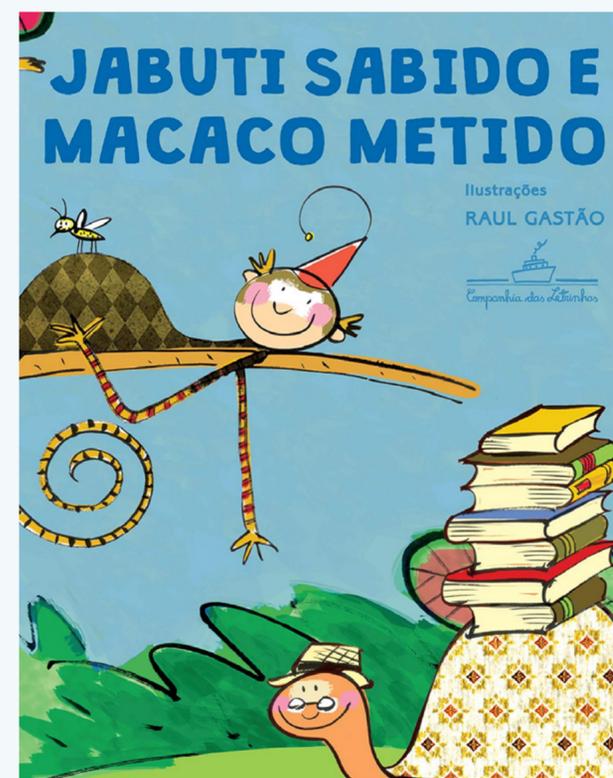
**Maravilhoso popular ou folclórico:** são os contos, mitos e lendas, narrativas que exploram a herança folclórica e popular de origens europeia, africana e indígena.

**Figura 18 - VIEIRA, I. O último curumim**



**Fonte:** São Paulo, Moderna, 2003.

**Figura 19 - MACHADO, A. M. Jabuti sabido, macaco metido**

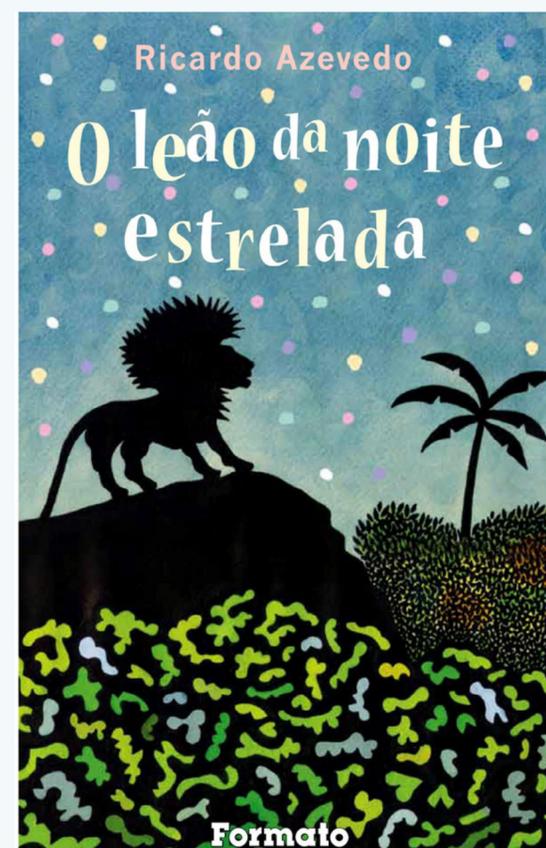


**Fonte:** São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2016.



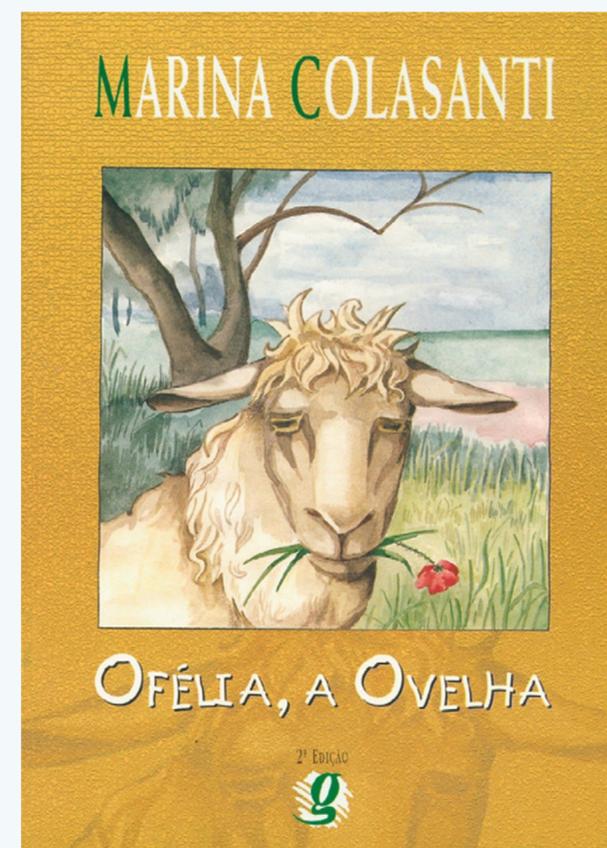
**Maravilhoso fabular:** narrativas com personagens animais, com caráter satírico, simbólico ou lúdico.

Figura 20 - AZEVEDO, R. O leão e a noite estrelada



Fonte: São Paulo: Formato, 2011.

Figura 21 - COLASANTI, M. Ofélia, a ovelha



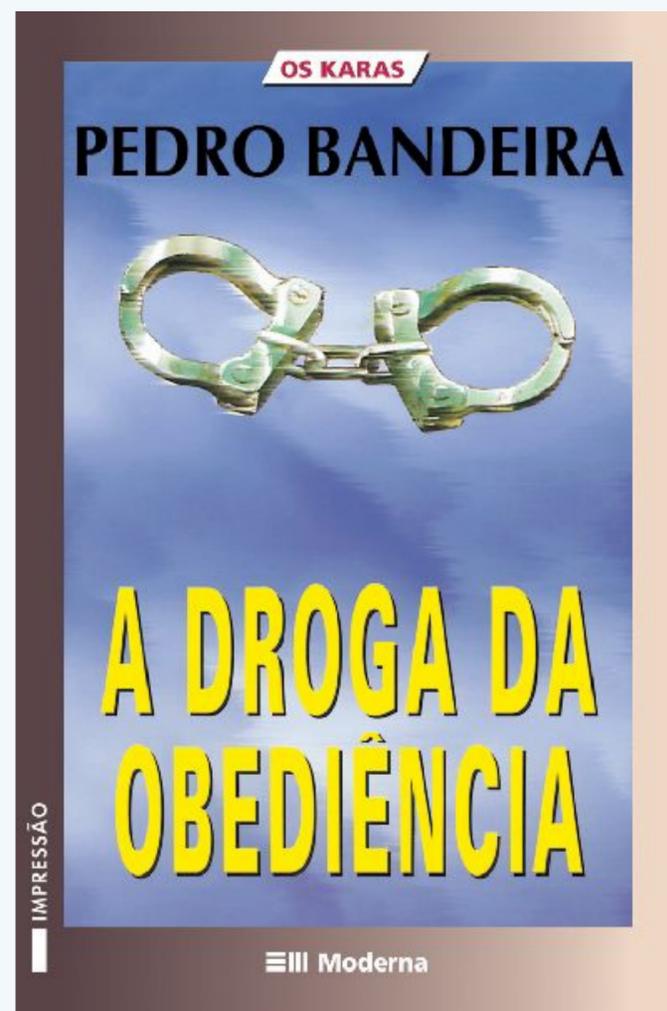
Fonte: Rio de Janeiro: Global, 2011.



## 4.3 Linha do enigma ou intriga policialesca

**Narrativas detetivescas ou de romance policial.** O eixo da narração está centrado em um mistério, um enigma ou problema estranho que precisa ser desvendado.

Figura 22 - BANDEIRA, P. A droga da obediência.



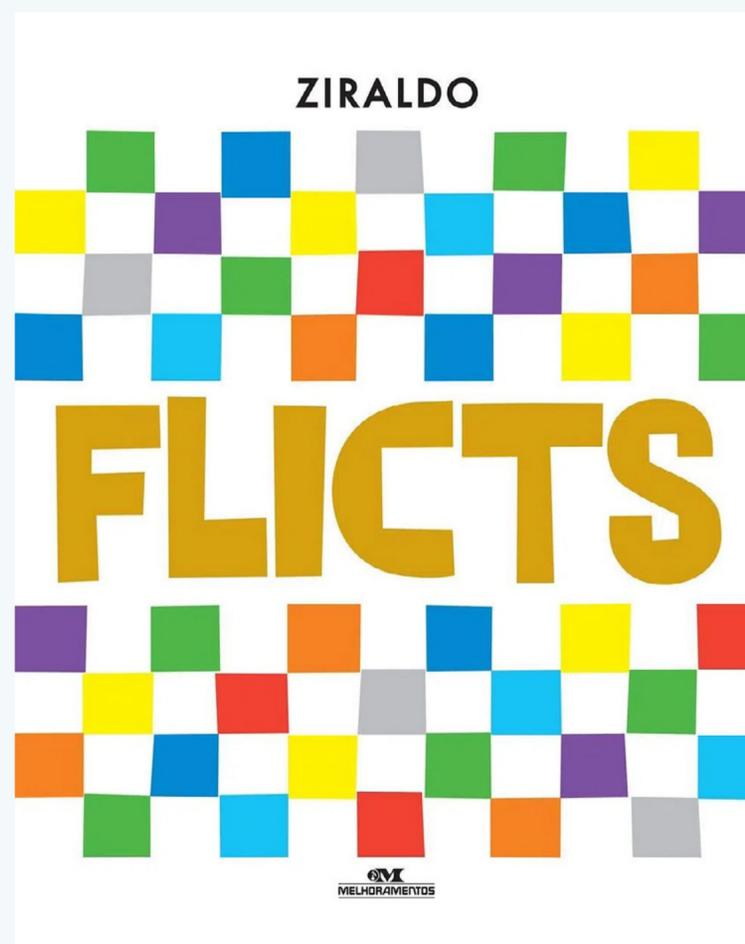
Fonte: São Paulo: Moderna, 2007.



## 4.4 Linha da narrativa por imagens

**Livros em que a linguagem visual predomina**, sem apoio de texto narrativo ou com o uso de poucas palavras. Nesse tipo de obra o lúdico predomina e é necessário um exercício da criança para nomear as coisas e seres que se misturam no mundo.

Figura 23 - ZIRALDO. Flicts



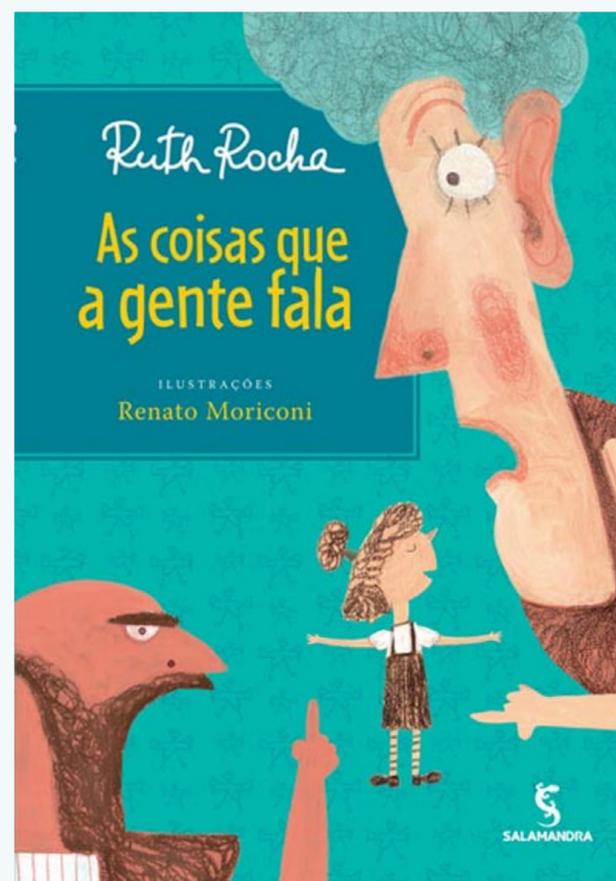
Fonte: São Paulo: Melhoramentos, 2021.



## 4.5 Linha dos jogos linguísticos

Obras que deixam clara a consciência de que a escrita é um **jogo de criação e estímulo das potencialidades** dos jovens leitores. Brinca com ideias, imagens e palavras e leva o leitor/ouvinte a interagir com a história. Contribuem para a construção desses jogos a metalinguagem e a intertextualidade.

Figura 24 - ROCHA, R. *As coisas que a gente fala*



Fonte: São Paulo: Salamandra, 2012.



## CONCLUSÃO

Este *e-book* objetivou apresentar algumas informações básicas a respeito dos estudos sobre a literatura infanto-juvenil e um breve percurso histórico, desde a sua formação até a contemporaneidade.

Esse material consiste em uma breve introdução ao tema e espera-se que ao final da leitura seu interesse pelo gênero tenha sido despertado. Muito mais do que um texto com intenções pedagógicas, como muitas vezes é compreendida, a literatura infanto-juvenil é um espaço de expressão da arte literária, apreciado por crianças e adultos.



## REFERÊNCIAS

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

ALMEIDA, L. A. **Aventuras de Xisto**. São Paulo: Ática, 1999.

AZEVEDO, R. **O leão e a noite estrelada**. São Paulo: Formato, 2011.

AZEVEDO, R. **Literatura infantil**: origens, visões da infância e certos traços populares. Presença Pedagógica - Belo Horizonte - Editora Dimensão, n. 27 - maio/jun. 1999 e em Cadernos do Aplicação. Volume 14. Número 1/2. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, jan./fev. 2001.

BANDEIRA, P. **A droga da obediência**. São Paulo: Moderna, 2007.

BANDEIRA, P. **O fantástico mistério de Feiurinha**. São Paulo: Moderna, 1986.

BETTLELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fada**. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

BOJUNGA, L. **A bolsa amarela**. São Paulo: Casa Lygia Bojunga, 2003.

CADEMARTORI, L. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 2010.

CHICOSKI, R. **Literatura infanto-juvenil**: videoaula. Youtube, 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=81jz3hSHcww>. Acesso em 05 de agosto de 2022.

COELHO, N.N. **Literatura infantil**: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.

COLASANTI, M. **Uma ideia toda azul**. Rio de Janeiro: Global, 2014.

COLASANTI, M. **Ofélia, a ovelha**. Rio de Janeiro: Global, 2011.

CORSO, D. L.; CORSO, M. **Fadas no divã**: psicanálise nas histórias infantis. Porto Alegre: Artmed, 2006.



GOES, L.P.S. **O maravilhoso Senhor Grão de Café**. São Paulo: Quiron, 1975.

KARNAL, L. **Não existiam crianças até o século XX**. Youtube, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7muGDWakY90>. Acesso em 05 de agosto de 2022.

LOBATO, M. **As reinações de Narizinho**. São Paulo: Cia das Letrinhas, 2019.

MACHADO, A.M. **História meio ao contrário**. São Paulo: Ática, 2019.

MACHADO, A. M. **Jabuti sabido, macaco metido**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2016.

MARINHO, J.C. **O gênio do crime**. Rio de Janeiro: Global, 2009

MACHADO, A.M. **Bisa Bia, Bisa Bel**. São Paulo: Salamandra, 2007.

MACHADO, A.M. **De olho nas penas**. São Paulo: Salamandra, 2003.

PELLEGRINI, D. **A árvore que dava dinheiro**. São Paulo: Ática: 1995.

PIROLI, W. **O menino e o pinto do menino**. São Paulo: Moderna, 2002.

PIROLI, W. **Os rios morrem de sede**. São Paulo: Moderna, 1994.

ROCHA, R. **As coisas que a gente fala**. São Paulo: Salamandra, 2012.

ROCHA, R. **Davi ataca outra vez**. São Paulo: Salamandra, 2009.

ROCHA, R. **Marcelo, marmelo, martelo**. São Paulo: Salamandra, 1976.

VIEIRA, I. **O último curumim**. São Paulo, Moderna, 2003.

ZILBERMAN, R. **Como e por que ler a literatura infantil brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

ZIRALDO. **Flicts**. São Paulo: Melhoramentos, 2021.



## Relação de links do material:

Karnal: não existiam crianças antes do século XX - <https://www.youtube.com/watch?v=7muGDWAKY90>

Literatura Infanto-Juvenil - Videoaula - <https://www.youtube.com/watch?v=81jz3hSHcww>

Sítio do Picapau Amarelo | Reino das Águas Claras • 1º Episódio (2001) - <https://www.youtube.com/watch?v=zplClgdrZn0>

ROCHA, R. Davi ataca outra vez - <https://www.ruthrocha.com.br/livro/davi-ataca-outra-vez>

PIROLI, W. Os rios morrem de sede - <https://obenedito.com.br/havera-um-dia-em-que-os-rios-nao-morrerao-de-sede/>

MACHADO, A.M. De olho nas penas - [https://www.youtube.com/watch?v=Fg9MvHM\\_4-0](https://www.youtube.com/watch?v=Fg9MvHM_4-0)

ROCHA, R. Marcelo, marmelo, martelo - <https://www.youtube.com/watch?v=VoCVWCyj8Z4>

MARINHO, J.C. O gênio do crime - <https://quindim.com.br/blog/genio-do-crime/>

PIROLI, W. O menino e o pinto do menino - <https://g1.globo.com/podcast/livro-falado/noticia/2019/07/14/livro-falado-8-o-menino-e-o-pinto-do-menino-de-wander-piroli.ghtml>

MACHADO, A.M. Bisa Bia, Bisa Bel - <https://www.jornalopcao.com.br/opcao-cultural/das-memorias-vividas-e-historias-contadas-bisa-bia-bisa-bel-385184/>

ROCHA, W. As portas fantásticas - <https://revistas.utfpr.edu.br/rl/article/viewFile/2225/1385>

PELLEGRINI, D. A árvore que dava dinheiro - <https://culturalizabh.com.br/index.php/2017/07/10/a-arvore-que-dava-dinheiro-domingos-pellegrini/>

BOJUNGA, L. A bolsa amarela - <https://www.literaturablog.com/resenha-a-bolsa-amarela-de-lygia-bojunga/>

COLASANTI, M. Uma ideia toda azul - <http://eraumavezuem.blogspot.com/2012/09/o-real-e-o-fantastico-em-uma-ideia-toda.html>

BANDEIRA, P. O fantástico mistério de Feiurinha - <https://www1.folha.uol.com.br/folha/livrariadafolha/ult10082u668025.shtml>

ALMEIDA, L. A. Aventuras de Xisto - <https://www.coletivoleitor.com.br/nossos-livros/aventuras-de-xisto/>

VIEIRA, I. O último curumim - <http://isabelvieira.com.br/?books=o-ultimo-curumim>

MACHADO, A. M. Jabuti sabido, macaco metido - [https://www.youtube.com/watch?v=sbDbN\\_cG8HA](https://www.youtube.com/watch?v=sbDbN_cG8HA)

AZEVEDO, R. O leão e a noite estrelada - <http://www.ricardoazevedo.com.br/livro/trecho-do-livro-o-leao-da-noite-estrelada/>

COLASANTI, M. Ofélia, a ovelha - <https://grupoeditorialglobal.com.br/catalogos/livro/?id=2164>

BANDEIRA, P. A droga da obediência - <https://www.infoescola.com/livros/a-droga-da-obediencia/>

ZIRALDO. Flicts. - <https://www.youtube.com/watch?v=qVzGaPWt260>

ROCHA, R. As coisas que a gente fala - <https://www.youtube.com/watch?v=438yINgj1qE&t=116s>





Literatura Infanto-Juvenil – Maristela Scremin Valério

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE DO PARANÁ - UNICENTRO  
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - NEAD  
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL - UAB

Maria Aparecida Crissi Knuppel  
**Coordenador Geral UAB**

Claudia Maris Tullio  
**Coordenador Geral Curso**

Cleber Trindade Barbosa  
**Coordenador Geral NEAD**

Denise Cristina Holzer  
**Apoio Pedagógico**

Ruth Rieth Leonhadt  
**Revisão**

Murilo Holubovski  
**Designer Gráfico**

Nikola-Majksner/Unsplash  
**Capa**

Aneeque Ahmed /Nounproject  
Hafiudin/Nounproject  
ProSymbols/Nounproject  
**Ícones**

08/2022

